



TRABALHO COOPERATIVADO:
limites e desafios da educação popular

Ana Maria Pires Mendes¹

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo refletir sobre trabalho, cooperativismo e educação popular, a partir de nossa experiência desenvolvida com trabalhadores de empreendimentos solidários, junto ao Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES, da Universidade Federal do Pará. Privilegiamos a percepção e intervenção da equipe do social, que é composta pelos profissionais de serviço social e sociólogo, no processo de formação/educação popular aos cooperativados, na perspectiva de contribuir para emancipação dos mesmos, sob a forma de transferência de tecnologias sociais para a autogestão.

Palavras-Chave: trabalho, cooperativismo, educação popular.

ABSTRACT

The present research has the object of reflect about work, cooperativism and popular education, started from our experience developed With workers of "empreendimentos solidários", beside of the Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES, of the Universidade Federal doPará. We benefit the perception and intervention of the social team, wich was composed for professional of the social service and sociology, on the process of popular formation/education for the co-workers, on the perspective of contributes for the emancipation of them selves, under the form of transparency of social technogies for auto-management..

Key-words: work, cooperativism, popular education

1 INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem por objetivo refletir sobre **trabalho, cooperativismo e educação popular**, a partir de nossa experiência desenvolvida com trabalhadores de empreendimentos solidários, junto ao Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários – PITCPES, da Universidade Federal do Pará. Esse programa realiza a incubação de empreendimentos solidários na perspectiva da formação técnico-científico de alunos de graduação e pós-graduação, assim como, de trabalhadores vinculados à economia solidária. A relação entre ensino, pesquisa e extensão têm como finalidade a consolidação de uma linha de estudos e pesquisas voltada para área do trabalho e desenvolvimento regional e local, tendo como linha de intervenção a educação popular, privilegiando a metodologia da pesquisa-ação-intervenção.

¹ Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará

As ações desenvolvidas pelo PITCPES são direcionadas aos empreendimentos da área urbana e rural e tem por princípio os valores da economia solidária, ou seja, ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade, sendo, portanto, um tipo de economia que permite articular diversos elos da cadeia produtiva, a partir de tais valores. Nesse sentido, articula o consumo solidário com a produção e a comercialização de modo orgânico e dinâmico em nível local e global.

A incubação nos empreendimentos, tanto da Região do Baixo Tocantins² quanto da Região Metropolitana de Belém – RMB³ contempla o acesso a tecnologias sociais para a autogestão e, conseqüentemente, a garantia da viabilidade dos mesmos destituídos de meios necessários para sua sobrevivência no mercado.

Neste contexto, o trabalho da equipe inicia-se com o processo de conhecimento e identificação dos grupos, com a visita de campo, a aplicação de questionários socioeconômicos com o objetivo de elaborar o diagnóstico dos empreendimentos. A essa fase a equipe do PITCPES denomina de pré-incubação, uma vez que, se trata do momento de verificar se os empreendimentos têm existência enquanto grupo sócio-produtivo e quais suas necessidades para o fortalecimento de sua auto-gestão. A partir de então dar-se início ao processo de incubação propriamente dito.

Sob a forma de transferência de tecnologias sociais para a autogestão, buscamos contribuir para emancipação dos empreendimentos solidários, para efeito deste ensaio daremos ênfase ao olhar social, visto não perdemos essa dimensão da vida grupal, através do processo de formação/educação popular.

2 REFLEXÕES SOBRE TRABALHO, COOPERATIVISMO E EDUCAÇÃO POPULAR

A concepção de trabalho a muito passou a ser preocupação de conhecimento do homem. Com Marx, o trabalho é visto como um processo entre o homem e a natureza, porque este ao produzir seu meio de subsistência, ele se transforma e transforma a natureza. Nessa relação homem x natureza, o homem trabalha, buscando satisfazer suas necessidade materiais, transformando a natureza, produzindo conhecimento e criando-se a si mesmo (MARX, 1986).

Esse mesmo autor procurou demonstra os mecanismos que geravam o processo contraditório de aumento de produtividade, acompanhada de crescente miséria e de exploração, ao referir-se à transição da manufatura à grande indústria, através da extração

² A Região do Baixo Tocantins é composta pelos municípios Abaetetuba, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Baião, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba e Oiras do Pará.

³ Região Metropolitana de Belém é constituída dos seguintes municípios: Belém, Ananindeua, Marituba, Benvides e Sta Bárbara.

da mais-valia e do aumento da exploração operária, visto que a indústria exigia máquinas e fontes de energias, e o agrupamento dos trabalhadores em torno da unidade de produção.

Com o processo de reestruturação produtiva, o capital busca constituir um novo patamar de acumulação capitalista em escala planetária e tende a debilitar o mundo do trabalho, gerando uma série de tendências, tanto no domínio da organização industrial, no sentido de regimes e contratos de trabalho mais flexíveis, e da redução de emprego regular em favor do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado, quanto na vida social e política do trabalhador, dando início a um regime de acumulação, chamado por Harvey de acumulação flexível do capital. (HARVEY, 2002).

A partir da primeira metade dos anos 1980, com o forte controle da economia por parte Thatcher e Reagan, o mercado financeiro tornou-se hegemônico e passou a impor sucessivos apertos fiscais e monetários, o que reduziu o ritmo de crescimento das economias centrais; o livre comércio e a movimentação irrestrita de capitais permitiram às multinacionais transferir gradualmente as linhas de produção para países de baixos salários e sem estado de bem-estar; e finalmente reformas fiscais diminuíram a carga tributária dos riscos e o montante de gastos sociais, ocasionando uma redistribuição ao revés da renda, instaurando-se um novo patamar de desemprego estrutural e proliferação do trabalho precário nos principais países capitalistas.

Para autores como Singer (2003), Zart (2006), é a partir desse contexto que se explica a revivência da economia solidária, através do cooperativismo solidário, visto ser este uma alternativa para enfrentamento do capitalismo acumulativo, pois trata-se de

um processo de retomada de valores presentes nos pioneiros quanto a democracia, a participação, a auto-gestão, a autonomia, mas avança na compreensão das estruturas sociais contraditórias e propõe ações históricas e cotidianas para efetivar formações sociais solidárias” (ZART: 2006. p123).

Dessa forma, o cooperativismo entendido aqui, como práticas sociais que desconstroem a ideologia da competitividade e da concorrência, sendo as relações sociais orientadas pelo espírito da solidariedade e da cooperação, ou seja, a gestão de cooperativa deverá caracterizar-se por uma ação coletiva, onde todos decidem o que e como fazer, mas respeitando a hierarquia de comando da organização na execução das tarefas. Assim sendo, essa relação envolve direitos e deveres, no sentido de promoverem resultados satisfatórios tanto para os cooperados quanto promover e garantir os interesses e objetivos do próprio sujeito coletivo.

É imprescindível a prática da cooperação como ação coletiva para o sucesso do empreendimento coletivo, dessa forma, a discussão e a compreensão sobre os interesses

que movem o sujeito a participar de uma cooperativa, é fundamental para a dinâmica econômica e organização sócio-política do mesmo.

Para tanto, a parceria com as universidades, através das Incubadoras se constituem em um importante instrumento no processo de formação/educação e estruturação dos empreendimentos, visto que as universidades devem estar a serviço da sociedade em seu conjunto. Entendemos que essa relação deva proporcionar a entrada da comunidade na universidade não como cobaia de um experimento, mas como agente participante de um processo criativo e dinâmico com vista a sua própria organização e atuação social e econômica.

Acreditamos que o exercício de cidadania dos cooperados deva ocorrer através do processo educativo. onde essa educação tenha como base o diálogo e a escuta, mas ao mesmo tempo seja problematizadora, libertadora (FREIRE: 1999).

Embora saibamos que o distanciamento da escola com a realidade não dá conta de atender a nova tendência que se coloca ao mercado informal, com é o caso do trabalho coletivo que exige metodologia mais voltada a dinâmicas mais participativas; e uma educação que envolva os saberes populares, sobre essa concepção é importante destacar o que Zart nos coloca:

a educação popular é uma concepção teórica-metodológica que engloba uma teoria e uma prática que é, ao mesmo tempo, dialética e dialógica. Dialética porque incorpora e desenvolve as contradições sociais, portanto tem uma perspectiva de transformação social superadora das exclusões sociais. Dialógica porque se assenta numa perspectiva de construção do conhecimento para o desenvolvimento de práticas e concepções sociais e cognitivas relacionais de sujeitos em que ações conjuntas e autônomas constroem a leitura de mundo e as ações transformadoras” (ZART, 2006: p126).

Dessa forma, acreditamos que essa educação será viável se o processo educativo for um processo solidário, que inclua também mentalidades abertas, participativas e que compartilhe das decisões. Ao mesmo tempo, esta deva ter por princípios a produção de conhecimento que envolve uma prática política articulada com a proposta educativa solidária aos sujeitos, no sentido de agir para produzir transformações no mundo. Cabe ao intelectual (ou educador) a sensibilidade e a competência para fazer ponte entre a inteligência e a experiência vivida (FREIRE, 1999).

2.1 Abordagem Metodológica no Processo Educativo

No presente ensaio foi dado ênfase ao olhar social, ou seja, privilegiamos a percepção e intervenção da equipe do social, que é composta pelos profissionais de serviço social e de sociologia, através do processo de formação/educação popular.

Compreender a realidade de uma cooperativa é saber que a mesma não está isolada do contexto social, mas que ela possui uma história a ser respeitada no momento em que é realizada a visita a campo.

Assim, realizar a incubação é estar comprometido com as atividades que o processo exige, é, portanto, estar capacitado para dialogar, ouvir, interagir, participar e desenvolver estratégias de ação conjuntas para a resolução de problemas que demande o empreendimento.

Saber ouvir a fala do grupo ou do cooperado possibilita entender as palavras, os códigos, as emoções e os gestos que cada um manifesta durante a participação nos encontros com os mesmos, portanto, é preciso que saibamos “(...) desenvolver capacidades e habilidades no campo da lingüística e buscar captar os conteúdos mutivocacionais, ideológicos, bem como emocionais/cognitivos (...)” (GOHN, 1999, pp.106-107).

O saber ouvir contribui na comunicação com a equipe, pois o contato com os cooperados possibilita o conhecimento de experiências sociais e o significado que atribuíam a elas. Segundo Martinelli, quando não se conhece o modo de vida das pessoas, suas experiências, dentre outras, vamos “instituinto verdadeiras lacunas no processo de conhecimento e os dados obtidos acabam não sendo geradores dos avanços da prática (MARTINELLI, 1999, pp.20-21).

Consideramos que o processo educativo de cooperativas deva ocorrer através da interlocução de saberes do grupo de cooperados, através do diálogo, visto que o mesmo proporciona uma conversa entre duas ou mais pessoas, estabelecendo uma troca de conhecimentos entre os sujeitos.

No processo de educativo não se trabalha com a imposição de conhecimento, ao contrário, busca-se a troca do conhecimento acadêmico com o saber popular, pois a vivência constitui matéria prima ao processo de formação, tendo em vista, o respeito ao modo de vida dos cooperados com as quais trocamos conhecimentos. Dessa maneira, a partir da “compreensão somos capazes de entender melhor os aspectos rotineiros, as relevâncias, os conflitos, os rituais, bem como, a delimitação dos espaços” (NETO, 1994, p.62).

Na relação de convivência com os cooperados, o olhar da equipe do social vai construindo o perfil do grupo, constatando e desvelando a ausência de uns e a sobrecarga de alguns, centralidade de gestão assumida e/ou legitimada por outros, relação que muitas das vezes são conflituosas entre os integrantes da cooperativa. Nossa orientação metodológica nos faz problematizar e refletir sobre as condições que levavam as coisas a ser com são, contudo, nem sempre são suficientes para superá-las.

A dinâmica do processo educativo vai se produzindo nas reuniões, nas abordagens individuais, nos mini-cursos e oficinas, a partir de temas geradores como:

acolhimento e relações sociais; liderança política, associativismo e cooperativismo, planejamento e economia solidária.

Dessa forma, buscamos oferecer as possibilidades necessárias para que o trabalhador cooperado se perceba enquanto sujeito coletivo, com projeto de cooperação gerador de trabalho e renda, com percepção à libertação da condição de oprimido e excluído, a partir da reflexão da realidade vivenciada por ele, visto *que é importante perceber que a realidade social é transformável* (FREIRE, 1976, p.39). Somente consciente de sua condição de excluído do processo produtivo, o trabalhador poderá lutar contra a opressão e iniciar a busca por mudanças no trabalho. Assim, superada a alienação, o trabalhador poderá desvelar os conteúdos ideológicos que recobrem a realidade vivida, dessa forma, espera-se que a interação entre o saber acadêmico com o saber popular, se constitui uma possibilidade de transformação da prática cotidiana desses empreendimentos solidários na dimensão social, política e econômica.

3 LIMITES E DESAFIOS

O aprendizado com a troca de saberes, tem sido fundamental para a formulação de novas hipóteses acerca do trabalho e da organização social das cooperativas. Esse tipo de aprendizagem exige sua implicação para a inserção sócio-produtiva dos cooperados, principalmente, quando se tem como meta o trabalho coletivo.

O diálogo dos cooperados com a equipe tem possibilitado a reavaliação de procedimentos metodológicos utilizados, gerando novas habilidades e qualificando os estudos realizados no âmbito da extensão, diferentemente da invasão e apropriação indevida de conhecimentos, sem gerar resultados concretos para os grupos.

No diálogo com os cooperados, evidenciamos várias questões que podem suscitar algumas discussões sobre o processo de formação/educação popular, mas para efeito desse ensaio, procuramos apontar alguns limites e desafios no processo da educação popular frente aos empreendimentos sociais.

Nossa preocupação é estimular a prática do debate e do enfrentamento coletivo dos problemas que são percebidos individualmente, acreditando que tal postura faz parte dos ganhos que o modo cooperativista de trabalho tem a enfrentar.

Em suma, tem-se o desafio de romper com metodologias tradicionais, visto que as concepções de práticas educativas em nossa sociedade precisam ser revistas. A escola formal hoje, é objeto de muitas críticas por parte de seus freqüentadores em virtude do distanciamento da realidade, da fragmentação disciplinar e das relações de poder instituídas, faz-se necessário buscar as ações e discursos cada vez mais participantes e

coerentes com a realidade dos empreendimentos, pois os recursos cognitivos e tecnológicos da equipe podem facilitar a ação e a cooperação na busca de objetivos comuns.

Contudo, a transferência de conhecimentos dimensionados pela pesquisa acadêmica, e, sobretudo, o debate acadêmico sobre o trabalho precário e a informalidade do mercado, e as tendências do trabalho na pós-modernidade tem por objetivo prestar assistência técnico-científica à gestão de empreendimento comunitário sob o princípio da autogestão, o que não significa que tenhamos margem segura de êxito, até porque precisamos de instrumentos que possam mensurar os benefícios que os cooperativados têm conseguido com o processo educativo oferecido pelo Programa.

REFERÊNCIAS

FEIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**: e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo, Cortez, 1999. (coleção questões da nossa época; v. 71)

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo. Loyola. 2002.

MARX, Karl. **O Capital**, Livro 1, capítulo VI (inédito). SP: Livraria Editora Ciências Humanas, Ltda .1986.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 1999.

NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SINGER, Paul. Economia Solidária. In: CATTANI, Antonio David (org.). **A Outra Economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 7ª ed.- São Paulo: Cortez, 1996.

TOURAINE, Alain. O Sujeito como Movimento Social. In: **Crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 1998.

ZART, Laudemir Luiz. **Planejamento Participativo na educação**: desafios para a construção de uma sociedade solidária e de cooperação. 2002. (texto digitado).

_____. As possibilidades de construir uma sociedade alternativa: a sócio-economia solidária. In: **Educação e Sócio-Economia Solidária**: paradigmas de conhecimento e sociedade. (Org.) ZART, Lauridemir Luiz. Vol. 1. Série Sociedade Solidária. Ed. UNEMAT. 2004.

ZART, Laudemir Luiz. Dimensões Formativas para a construção de Práticas Sociais Relativas ao Cooperativismo Solidário. In: **Educação e Sócio-Economia Solidária: interação universidade e movimentos sociais.** (Org.) ZART, Lauridemir Luiz, SANTOS, Josivaldo Constantino. Vol 2. Série Sociedade Solidária.. Cáceres- MT: editora UNEMAT.2006.